

DOSSIÊ: Empreendimentos sociais, elite eclesiástica e congregações religiosas no Brasil  
República: a arte de “formar bons cidadãos e bons cristãos”

## Orar, ensinar ou agir. As diversas formas de cumprir o Carisma de Sion

### *Prayer, teaching or action. Different ways to fulfill Zion's charisma*

Angela Xavier de Brito<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Université René Descartes Paris Île de France 75270 FR – Sociologie.

axavierdebrito@gmail.com

**Resumo:** Fundada pelo Pe Ratisbonne em 1842 para converter os judeus, o carisma de Sion oscila entre a oração, o ensino e a ação direta. Sion foi mais conhecida por seus internatos até os anos 1960, quando a incorporação das Ancelles (1937) e a virada ecumênica a fizeram retornar a suas origens. A pesquisa histórica realizada nos arquivos de Paris mostra que as tarefas educativas levaram as Irmãs a negligenciar o carisma original até o Concílio Vaticano II (1962-65), quando confiaram seus colégios a leigas, saíram para se formar em teologia e estudos bíblicos e participar do movimento de estima mútua com relação ao povo judeu.

**Palavras-chave:** congregação, gênero, carisma, educação, estima mútua

**Abstract:** *Founded by Fr. Ratisbonne in 1842 to convert Jews to Catholicism, Zion's charisma enacts prayer, teaching and direct action. Zion was better known for its numerous boarding schools until the 1960s, when the incorporation of the Ancelles (1937) and the ecumenical turning contributed to the return to its origins. A historical research made in the archives of Paris points out that educational tasks made Sisters neglect the original charisma until the Second Vatican Council. Schools were then assigned to lay women and the Sisters undertook theological and biblical studies in order to participate in the mutual esteem movement towards the Jewish people.*

**Keywords:** *congregation, gender, charisma, education, mutual esteem*

<sup>1</sup> Agradeço a leitura cuidadosa de C. R. Jamil Cury e Luiz Antônio Cunha, a preciosa ajuda de Rodolfo de Roux no acesso a documentos da Igreja e a excelente revisão de Anita Slade.

## Introdução

Durante muito tempo, a sociologia das religiões apresentou as congregações como blocos monolíticos conformes ao período histórico de sua fundação, obedecendo cegamente às diretivas da Igreja e de seu fundador. No entanto, seu funcionamento não é assim tão homogêneo: o sentido atribuído ao carisma muda segundo a trajetória e a personalidade do fundador, as Regras em vigor ou as orientações da Igreja. Tal como foi escrita até data recente, a história da Igreja não deixa grande latitude à apreensão da margem de liberdade concedida a seus membros. A sociologia praticada até os anos 1920 ou nos anos 1950 em certos países e, em outros, até mesmo nos anos 1980<sup>2</sup>, tampouco permitia sua análise, na medida em que se caracterizava “por uma sensibilidade pouco orientada em direção aos fenômenos singulares” (Martuccelli, 2010, p.13) que, no entanto, jamais deixaram de existir. No início do século XVII, o cardeal Alexandre de Médicis comentava que “as mulheres reclusas desejavam a mudança e queriam “ser ... distinguidas por sua singularidade” (Zarri, 2007, p. 44). Na França do século XIX, são prova disso as acirradas discussões nos Capítulos de certas congregações, como o Sacré-Cœur, quando da decisão de partir para o exílio (Luirard, 2002, p. 269; Paisant, 2014, p.56), ou o protagonismo de algumas irmãs de Sion durante a Segunda Guerra Mundial (Comte, 2001, pp. 53-60).

As restrições metodológicas da sociologia em meados do século XIX não significam que, nesse período, o percurso dos atores não revelasse dimensões de sua subjetividade. Sem dúvida, as exigências sociais, então bem mais marcadas, dificultavam suas manifestações, sobretudo no interior “dessa comunidade moral intitulada Igreja” (Durkheim, 2003, p.65). Em tal contexto, a aplicação estrita da “clausura monástica imposta pelo Concílio de Trento ... interessava diretamente às autoridades eclesiásticas e às magistraturas urbanas, cúmplices em não deixar alternativas aos indivíduos” (Zarri, 2007, p. 37). Dentro dos conventos, a Regra velava para que cada religiosa “conformasse seu pensamento e os gestos de sua autoridade aos pensamentos e aos gestos da Santa Madre Igreja, de forma que os interesses particulares se inserissem no bem geral e, se necessário, lhe fossem sacrificados” (Sion<sup>3</sup>, 1937, t. 1. Allocution de M. le Chanoine Charles). Mas é bom lembrar que, durante a Primeira Idade Média, “os

<sup>2</sup> Referência à Escola de Chicago (anos 1920), à escola funcionalista (anos 1950) nos Estados Unidos e às transformações mais tardias da sociologia francesa (anos 1980).

<sup>3</sup> A partir daqui, assinalada no texto como *Sion*, para as Irmãs; e *Sion Padres*, para a congregação masculina.

monastérios permitiram que as mulheres exercessem papéis e atividades impensáveis no mundo” de então e que, no século XIX, “as congregações femininas permitiram que as mulheres se promovessem com relação a seus papéis habituais na sociedade” (Cabra, 2006, p. 74, p. 77).

A maioria das congregações dotadas de uma superiora geral foi fundada no século XIX, quando o gênero era uma categoria inexistente e “um clero masculino ... governava uma Igreja amplamente feminizada” (Gibson, 1993, p. 64), numa sociedade que tinha da mulher uma representação bastante essencialista. Apesar da nomeação de uma superiora geral desde 1851, os 40 primeiros anos (1843-1884) da congregação de Sion decorreram sob a férula do Pe. Théodore. Este, obcecado pela Regra, dava particular atenção “à implementação dos decretos conciliares” e em sua correspondência, manifestava uma preocupação pessoal com o governo das religiosas, aconselhando-as a serem “inflexíveis com qualquer espírito que contradissesse o espírito da Regra, a autoridade de seus superiores” (Sion, 1872, p. 202). O voto de obediência fazia com que as Irmãs se comprometessem “a cumprir as prescrições da Regra, a obedecer filialmente aos superiores e a preencher conscienciosamente as funções e os cargos outorgados” (Sion, 1863, p. 5), facilitando uma verdadeira encarnação dos papéis atribuídos.

Os instrumentos teóricos e metodológicos de que dispomos atualmente permitem melhor perceber o conflito que atravessa a história das congregações de Notre-Dame de Sion desde seus primórdios: como contribuir à conversão dos judeus, esse carisma que imprime a seus membros “um estilo peculiar de santificação e apostolado” (Vaticano, *Mutuae relationes*, 1978, n.11) e cujo *status* no próprio seio da Igreja era bastante controvertido? Deveriam as Irmãs apenas se consagrar à oração, esperando “com paciência os momentos de Deus” (Ratisbonne, 1880) e confiando a ação direta aos padres? Ou conviria antes que também elas assumissem uma postura ativa, aproximando-se desse povo por meio da ação direta? Que fatores poderiam condicionar essa escolha?

Ao fundar a congregação feminina de Sion em 1842, Théodore Ratisbonne, judeu convertido ao cristianismo, atribuiu-lhe a missão intrínseca de “dar testemunho, à Igreja e ao mundo, da fidelidade de Deus a seu amor pelo povo judeu” (Sion, 1938, p. 2). No entanto, a semiclausura das Irmãs tornou quase impossível o contato com os judeus, limitando-as a rezar por sua conversão. Théodore lhes sugeriu então a fundação de um catecumenato para instruir e converter as meninas judias pobres. Esse foi o primeiro passo da congregação em direção ao ensino, tarefa que as Irmãs poderiam realizar dentro dos muros de seus próprios conventos.

Não esqueçamos, no entanto, que o carisma é algo “complexo e dinâmico”, “em constante transformação” (Colombo, 2015, p.150). Como veremos neste texto, o desenvolvimento nacional e internacional da congregação através de seus internatos fez com que Sion negligenciasse progressivamente seu carisma original, tornando-se uma verdadeira congregação educativa até a virada ecumênica. Após o Concílio Vaticano II (1962-65), as Irmãs passaram a confiar seus estabelecimentos escolares a professoras leigas, se formaram em teologia e estudos bíblicos, fundaram os SIDIC e passaram a participar ativamente da conversão dos judeus.

No entanto, como o carisma, a própria Regra evolui com o tempo e o conteúdo dos votos se relativiza segundo a época histórica. A relação dos Padres e das Irmãs com a Regra passou então a se caracterizar pelo “grau de flexibilidade que se deixa aos atores, pelas maneiras pelas quais eles desempenham seus papéis sociais, chegando a colocá-los a serviço de seus interesses” (Martuccelli, 2003, p. 207). Esse é o quadro teórico dentro do qual pretendo desenvolver este artigo.

## **Notre-Dame de Sion: o mesmo objetivo, duas maneiras diferentes de alcançá-lo**

Théodore Ratisbonne fundou em primeiro lugar a congregação feminina, porque dispunha, de imediato, de um material de qualidade que lhe era bastante submisso, o grupo de mulheres alsacianas sob sua direção espiritual. Mas estava convencido desde o início de que “esta obra tinha necessidade essencial do ministério sacerdotal para completá-la” (Sion, 1865, p. 39). Os padres exerceriam essa missão com maior eficácia, na medida em que tinham melhor formação, movimentos mais livres e práticas mais qualificadas, sendo, além disso, até hoje os únicos a poder ministrar os sacramentos. No entanto, Théodore não conseguira ainda fundar essa congregação masculina, sobretudo devido “a mim mesmo, minha incapacidade, minha inabilidade” (Sion, 1872, p. 161. Ratisbonne, *Allocution introductive*). A congregação feminina ficou, assim, praticamente sozinha no campo até 1886.

Nesse contexto, o trabalho de conversão exigido pelo carisma pode tomar a conotação de uma ação direta, em que os padres, que gozavam de maior liberdade de movimento, buscariam converter os judeus pelo contato, pelo diálogo e pela administração do batismo, que

sela a conversão; ou pode assumir o sentido de um trabalho propriamente religioso, reservado às Irmãs, cuja Regra mais severa limitava sua liberdade de ação: elas deviam esperar que os judeus viessem por si mesmos pedir a catequese e o batismo, para não correr o risco “de antecipar a ação secreta de Deus sobre as almas” (Ratisbonne, 1880). Assistia-se, assim, no seio da congregação de Notre-Dame de Sion, a uma especialização segundo o gênero, não apenas em seu modo de funcionamento (Xavier de Brito, 2014a), mas, sobretudo, na maneira de realizar o carisma.

Enquanto as Irmãs se dobravam ao estereótipo, consagrando-se a um apostolado de orações que melhor corresponderia “ao temperamento feminino”, os padres de Sion deveriam, por serem homens, assumir “os riscos do apostolado direto” (Aron, 1936, p. 207). A ação direta é um dos privilégios concedidos à hierarquia eclesiástica, inteiramente masculina até nossos dias, já que o direito canônico persiste em negar a ordenação às mulheres. Da mesma forma, pelo Concílio de Trento (1545-63), “a reclusão física e a estabilidade, prescritas por longo tempo sem ser necessárias, se tornam obrigatórias para a maioria das ordens femininas a partir do século XIV” (Pellegrin, 2008, pp. 80-81). Essas prescrições foram reiteradas três séculos mais tarde pelo Primeiro Concílio do Vaticano (1870-71) visando a restaurar a disciplina eclesiástica. Seja qual for seu nível, a clausura prejudica essas mulheres sequiosas de vida ativa. Inúmeras fundadoras, como Madeleine-Sophie Barat, do *Sacré-Cœur*, tentaram em vão abrandar essas exigências, restabelecidas pela Santa Sé quando da aprovação da Regra (Paisant, 2014, p. 354). As irmãs de Sion se viram igualmente obrigadas a se sujeitar a uma forma de clausura que impedia “todo contato com o espírito do mundo” (Sion, 1863, pp. 6-7). “Os desvios às regras de clausura, como as saídas e as visitas ao exterior, ... eram consideradas exceções na perspectiva de um velho ideal masculino da feminilidade em voga no século XIX e até metade do século XX” (Pellegrin, 2008, p. 77), segundo o qual “a condição das mulheres é de permanecerem encerradas, seja qual for seu estado” (Lombardi, 1975, pp. 189-190). As irmãs de Sion foram constringidas a uma separação do mundo bem mais rígida do que a das Filhas da Caridade, congregação hospitalar fundada dois séculos antes. Desejoso de manter o *statu quo*, Théodore alertou as Irmãs de Sion contra a tentação de imitar outras congregações: “Deveis observar a palavra daquele que foi escolhido para vos instruir. ... Admiremos tudo que é bom, mas não devemos tudo imitar” (Sion, 1872, pp. 160-161).

## A oração como único meio de ação

Até os anos 1960, a Igreja pensava que a salvação dos judeus só poderia ser obtida por meio de sua conversão ao catolicismo (Xavier de Brito, 2014b). Théodore, assim, orientou a congregação feminina em direção à oração, única maneira adequada às mulheres de realizar o carisma, impondo às irmãs de Sion restrições que se conservariam até o Concílio Vaticano II: semiclausura, vida em comunidade, hábito comprido, saídas estritamente limitadas.

A luta da congregação feminina para assumir plenamente seu carisma esclarece simultaneamente as relações da Igreja com os judeus e com as mulheres. Solteiras ou viúvas, aquelas que integraram o núcleo inicial da obra de Sion estavam desde muito habituadas a uma vida ativa relativamente livre como professoras ou diretoras de escola, em Estrasburgo. Era-lhes, assim, difícil conformar-se a uma vida restrita à oração. Reconhecendo o desejo de ação que as habitava, Théodore tentou primeiro “persuadi-las de que a oração é um poderoso meio de ação, pois é recomendando-se a Deus uma pessoa que nos preocupa ... que poderemos obter com frequência, para esta, as mudanças mais felizes” (Sion, 1865, p. 145, pp. 152-153, Ratisbonne, *Allocution de clôture*). E, dando com uma mão o que lhes tirava com a outra, Théodore Ratisbonne abriu-lhes o caminho do ensino<sup>4</sup>:

A obra de Sion se aplica certamente, em primeiro lugar, à conversão de Israel, mas compreende com não menor fervor as obras de caridade que não se afastam de seu fim principal. Assim, *não ficareis ociosas à espera das promessas divinas. Adicionareis um trabalho meritório às vossas súplicas contínuas. Eis porque vossas Constituições vos autorizam a dirigir internatos, escolas para crianças pobres, orfanatos e ateliês.* (Ratisbonne, *Retraites*, 1876)<sup>5</sup>

Théodore pensava que “o catecumenato [destinado a] instruir e converter as meninas judias pobres” (Ratisbonne, 1842) seria um excelente meio de associar o carisma original de Notre-Dame de Sion ao ensino, livrando essas senhoras da sensação de ociosidade que as habitava. O estabelecimento se desenvolveu: contava com 10 crianças entre abril e setembro de 1844, 19 em junho de 1845, 30 em setembro de 1846 (Marie-Bénédicta, 1905, v. 1, p. 356). No entanto, os encargos do ensino e a semiclausura das Irmãs tornaram quase impossível a tarefa

<sup>4</sup> Todas as ênfases encontradas nas citações estão nos textos originais.

<sup>5</sup> Todas as traduções efetuadas no texto são obra da autora.

de conversão dos judeus, obrigando-as, como veremos, a recorrer várias vezes aos serviços das Filhas da Caridade com as famílias judias.

## Os padres são criados para assumir um papel ativo

Se, desde a Idade Média, os padres monopolizavam os papéis ativos na Igreja e na sociedade, para as Irmãs, o conceito de separação do mundo “se confundiu rapidamente com a clausura” (Cremaschi, 2003, pp. 210-211). Segundo Théodore, cada congregação de Sion realizaria o carisma de uma forma diferente. Apesar de sua autonomia, a congregação feminina era subordinada ao ramo masculino: os padres deveriam “dirigir e proteger as Irmãs”, enquanto estas só existiam para “preparar seu caminho nos países infiéis” e “garantir o sucesso das obras que eles sentiam necessidade de fundar”. (Sion, 1865, pp. 37-38).

Ora, nessa partilha, a ação direta seria reservada aos Padres de Sion, fundados finalmente em 1853, cujos privilégios clericais e regra mais flexível lhes permitiam se consagrar ativamente à conversão dos judeus. Mas, em vez de se investir nessa tarefa, eles se limitaram por muito tempo, como as Irmãs, a rezar pela salvação dos judeus e a administrar alguns batismos (Sion, 1875-1880). Em 1873, 20 anos após a fundação, eles eram apenas oito. Isso contrasta brutalmente com a prosperidade das Irmãs que, na mesma data, possuíam cerca de 400 membros e numerosos internatos, que constituíam um viveiro de noviças pertencentes a famílias socialmente importantes. Até fins de 1903, a Sociedade dos Padres Missionários de Sion não possuía “unidade de tendências, de práticas, de espírito ou de objetivos, pois alguns membros querem se ater ao fim visado pelo fundador, que é a conversão dos israelitas; outros, como que hipnotizados pela educação de jovens alunos, sacrificam tudo nesta obra de sua preferência” (*Rapport du Pe. Siveton sj.*, citado por Colson, 1959, p. 72). A congregação masculina foi “marcada por hesitações, reveses e reviravoltas durante cerca de um século” (Aron, 1936, p. 214) e os padres, “totalmente absorvidos pela preocupação de existir e de preparar seu futuro, [não puderam] se dedicar ao problema judeu” (Leroux, 1948, p. 4).

Ambas as congregações só se consagrariam efetivamente a seu carisma nos anos 1925-1931. Nesse intervalo abençoado, a conjuntura parece ter exercido um papel determinante. Até a crise de 1929, assistia-se à volta à paz num contexto de forte crescimento econômico e de otimismo generalizado: todos queriam tanto se convencer de que não haveria mais guerras, que

a de 1914-18 foi chamada *la der des ders*, a última das últimas. Após a reconstrução da Europa, as cidades reviveram, o nível de vida melhorou, todos queriam aproveitar ao máximo. O regime democrático favoreceu a emergência de um indivíduo emancipado dos laços tradicionais e institucionais (Tocqueville, 1992). Assistiu-se a rupturas no comportamento social, sobretudo entre as mulheres das classes médias e superiores, de onde provinha a maioria das Irmãs coristas<sup>6</sup> de Sion. Uma cultura elitista se desenvolveu na margem esquerda do Sena, paralelamente à qual emergiu uma cultura popular veiculada, sobretudo, pelo rádio. Os anos 1930 vieram o fim desse período de despreocupação.

## O ensino se torna a principal finalidade da congregação

Originalmente, foi o próprio fundador quem desviou as Irmãs do carisma primitivo, induzindo-as a se dedicarem ao ensino. Durante os três primeiros Capítulos Gerais, ele tomou a iniciativa nesse sentido e as ajudou conscientemente a se desenvolverem, na França e no exterior. Para ele, o ensino não era “uma inflexão ou um desvio com relação ao objetivo principal” (Mondésert, 1956, p. 61) da congregação: como a Regra impedia as Irmãs de irem aos judeus, era necessário encontrar uma maneira de fazer com que estes viessem a elas.

Foram provavelmente os próprios métodos pedagógicos das Irmãs de Sion no primeiro neofitato<sup>7</sup> que suscitaram a demanda de outras classes sociais para aí inscreverem suas filhas, pois as escolas para meninas eram bastante raras na época. Mas a mistura de classes sociais era inconveniente, e as famílias abastadas pressionaram Théodore no sentido de criar uma estrutura adequada às suas filhas. O *Père Marie* sugeriu então, em 1847, a ideia de fundar um colégio pago, “cujos recursos deveriam subvencionar as obras gratuitas” (Sion, 1863, p. 9). Como de hábito, Théodore deixou-se guiar por seu irmão, a ponto de inscrever esse princípio na Regra (Sion, 1863, p. 7). Seu apreço pelo ensino vinha da época em que ele próprio dirigira as escolas do Consistório israelita, em Estrasburgo. Segundo Mondésert (1956, pp. 63-64), “a educação é um trabalho difícil, delicado e tão importante que participa de muitas maneiras das funções

<sup>6</sup> Até o Concílio Vaticano II, havia duas categorias de Irmãs: as Irmãs coristas e as Irmãs conversas. Estas últimas, de formação inferior, encarregavam-se da gestão material do convento.

<sup>7</sup> Curso de um ano durante o qual os neófitos, recém-batizados, deviam aprofundar sua fé.



sacerdotais. Como o do padre, o ministério das religiosas educadoras contribui diretamente para a obra de misericórdia do Salvador do mundo”.

As primeiras superiores gerais acompanharam felizes esse movimento, pois eram, antes de tudo, educadoras competentes. Abriu-se o primeiro grande internato em Grandbourg, em 1851 e, dois anos mais tarde, o de Paris, junto à Casa Matriz. A demanda não cessaria de crescer a partir dessa data, e a congregação se consagraria cada vez mais aos grandes estabelecimentos burgueses. A brochura de 1854, redigida pelo fundador, apresentou a congregação feminina de maneira bastante contraditória: ela era, em primeiro lugar, “uma associação de orações pela conversão de Israel”, que exigiria das Irmãs “uma vida de orações, de penitência, de vida comunitária e de contemplação”, mas os internatos seriam “um campo de atividades para as senhoras da comunidade” e “um recurso onde colocar as neófitas” (Aron, 1936, pp. 64-65). Desde 1856, o fundador assinalou a Louise Weywada sua ordem de prioridades: “Só poderemos trabalhar na obra de conversão dos judeus quando estivermos solidamente implantados ...; e antes de criar o catecumenato, é necessário abrir o internato” (Ratisbonne, 1856). “O declínio progressivo do número de neófitas de origem judia” (Reutlinger, 2002, p. 36) estimulou a orientação em direção ao ensino. O próprio Théodore reconheceu que “a obra de conversão dos judeus ficou um pouco entravada durante alguns anos e que o movimento diminuiu” (Sion, 1872, p. 7). Pouco antes de sua morte, ele constatou que não havia nada a fazer quanto a isso, “só podemos rezar e esperar os momentos da graça” (Ratisbonne, 1880).

Vítimas de seu próprio sucesso, as religiosas se deixaram progressivamente absorver pelo ensino – mudança de perspectiva que os Capítulos Gerais ilustram bem. Desde 1865, o Primeiro Capítulo Geral insistiu sobre a fundação dos internatos e a expansão internacional da congregação. Quase sempre, a primeira obra que as Irmãs fundavam, ao chegar, era um internato, “vivamente reclamado pelas famílias, que apreciam o gênero de educação ministrado por Sion ... para a instrução das crianças de classe alta” (Sion, 1872, p. 184. *Saint Omer*). Não era fácil manter a qualidade desses colégios de elite diante da rude concorrência das outras congregações e das boas escolas laicas (Sion, 1872, Annexe, pp. 22-23. Marseille, Saint Omer, Bayswater). As Irmãs se empenharam nisso com tanto ardor que se desviaram ainda mais de seu carisma. Central na congregação feminina, o ensino ajudou ainda a manter os padres, “que não têm colégios nem dirigem, na França, nenhuma obra de ensino para meninos” (Colson, 1959, p.15).

Sion parece assim se tornar progressivamente uma ordem educadora, cujo verdadeiro carisma era o ensino. Em 1878, no generalato da Ir. Rose Valentin, pedagoga de formação, a congregação “conhece uma segunda fase de desenvolvimento, mais tranquila, concentrada nas atividades de ensino” (Reutlinger, 2002, p. 55). Em quase todas as casas, as missões eram, em primeiro lugar, o internato, que respondia simultaneamente “à demanda das famílias distintas da cidade” e “aos desejos do clero [de] se contrapor à influência dos inúmeros internatos laicos” (Sion, 1878. Saint Omer); a seguir, eram fundados o externato pago e a escola gratuita. “As jornadas passadas entre os alunos” deixavam as Irmãs tão exaustas que lhes era difícil recitar o ofício da tarde em comunidade (Sion, 1878, p. 64. Constantinople). Na Casa Matriz, o desenvolvimento do internato parecia mesmo sofrer com a existência do catecumenato”, que foi finalmente transferido para Grandbourg em 1878 e definhou pouco a pouco. É bem verdade que, no final do século XIX, o antissemitismo persistente dos meios católicos fez com que “a sinagoga não mais permitisse que os israelitas, mesmo indigentes, continuassem a confiar seus filhos a um catecumenato” (Sion, 1925, t. 2. Comité d'Initiative). O VI Capítulo Geral, em 1897, reforçou ainda mais o engajamento no ensino, quando a superiora geral decidiu adotar os programas oficiais de cada país até o liceu (Giraud, 1999, p.10).

As fundações se sucediam: abriram-se sete internatos de 1847 a 1865; mais seis, de 1865 a 1872; três outros, entre 1872 e 1878; e mais seis, entre 1878 e 1885. Quando Théodore faleceu, em 1884, das 25 casas de Sion no mundo, 88% eram internatos destinados às filhas das elites. A reputação de Sion em matéria de ensino trazia inúmeras demandas para que as Irmãs retomassem obras fundadas por outras instituições, como os externatos Saint Michel e Saint-Anne no Marais, os internatos das Filhas da Caridade em Jerusalém (1869) e em Esmirna (1876) ou, nos anos 1870, as *ragged schools*<sup>8</sup> de Holloway e as escolas Santa Brigitte, na *City* londrina, a pedido do clero inglês. As autoridades civis também lhes solicitaram que assumissem certas escolas comunais na França, como em Évry, mas as capitulares se opuseram, por falta de pessoal qualificado (Sion, 1872, pp. 28-30).

As Irmãs educadoras contribuíram para a expansão mundial de Sion, para o seu renome e seu reconhecimento como congregação missionária em 1906 (Paisant, 2014, p. 353), o que lhes permitiu receber um estipêndio do governo francês no exterior. O próprio fundador as

<sup>8</sup> Literalmente, *escolas em farrapos*, destinadas à educação gratuita das meninas pobres na Inglaterra.

estimulou nesse caminho, ao dizer que elas deviam semear “obras em todos os países do mundo, porque os restos de Israel estão dispersos por toda parte e vós deveis estar prontas a acolhê-los, a instruí-los, a abrir-lhes as avenidas da Igreja” (Mondésert, 1956, p. 25).

Sob que formas e com que intensidade se manteve então o apostolado em prol de Israel? As irmãs não dispunham dos meios necessários para levá-lo a cabo, nem mesmo no Oriente Médio e na Europa Central, onde a conversão dos judeus permanecia uma tarefa significativa. Os catecumenatos se confundiam, com frequência, com o semi-internato ou com a escola gratuita. Como a Regra as impedia de poder ir buscar as crianças israelitas nos meios judeus, as Irmãs adotaram uma atitude bastante passiva diante de seu carisma. Alguns padres ingleses “que se interessavam pelo desenvolvimento de nossa obra de conversão”, pediram que a congregação autorizasse as Irmãs de Sion a visitar as famílias pobres no domingo, quando o chefe de família está em casa, a fim de que nos mostremos tão zelosas quanto as religiosas protestantes” (Sion, 1872. Annexe, p. 20. Londres). Insensível a esse apelo e ao desejo das Irmãs, sempre muito submisso às autoridades da Igreja, Théodore reiterou “a necessidade de estreitar a clausura, mesmo nas comunidades não sujeitas a ela” (Sion, 1872, pp. 53-54), como recomendava o Primeiro Concílio do Vaticano.

As visitas aos doentes, pobres ou ricos, devem ser bastante raras, pois *esta não é a missão das religiosas de Sion* [...] Tornai o mais raras possíveis as saídas de casa, de modo que só se façam por motivos urgentes. *As Religiosas de Sion não saem*. É melhor se sujeitar a um pequeno incômodo do que abrir a porta aos abusos (Sion, 1872, pp.53-54, pp.133-134).

Quer dizer... “a visita aos doentes não era a missão das religiosas de Sion”, exceto quando eram solicitadas por personalidades locais *amigas de Sion*. Théodore não levantou objeções às cláusulas de doação de Grandbourg, em 1851, que determinavam que “as Irmãs deveriam garantir as visitas aos doentes pobres da localidade” (Paisant, 2014, p. 258) – sem dúvida porque “a família Revenaz-Pastré está sempre pronta a nos ajudar” (Sion, 1878). Uma mão lava a outra... Regras à parte. Em contrapartida, M. Pastré, prefeito de Corbeil, obteve das autoridades civis, entre 1904 e 1906, um sursis do fechamento do internato (Sion, 1906).

Não obstante, as religiosas de certas casas se sentiam insatisfeitas com as restrições às quais a Regra as submetia. Inspirando-se das práticas das Filhas da Caridade que, em suas visitas aos pobres, tinham frequentemente ocasião de socorrer famílias israelitas, administrando mesmo o batismo a alguns pequenos descendentes de Abraão, as Irmãs de Esmirna solicitaram

à Casa Matriz as condições necessárias para entrar em contato com as famílias judias, de forma a melhor provar nossa devoção à obra principal da congregação (Sion, 1878. Smyrne). Mas a ação direta não estava ainda na ordem do dia.

## **A crise do ensino congreganista traz um breve retorno ao carisma**

Sion se encontrava em plena expansão no final do século XIX: havia 158 irmãs em 1865, 288 em 1872, 600 em 1885. As noviças estavam prontas a garantir a continuidade: 48 em 1865, 42 em 1872, 79 em 1885. Sim, as vocações eram numerosas – mas para que serviam?

A concentração excessiva nas atividades de ensino não era a única razão do desinteresse pelo apostolado de Israel. Ele se explicava igualmente pela composição social das responsáveis e das comunidades de Sion. “A maioria das primeiras irmãs provinha de famílias da aristocracia e da alta burguesia francesas, de tradição monarquista e intransigente, contaminadas pelos preconceitos e pelas campanhas antisemitas orquestradas por *La Croix* e *L'Action Française*” (Reutlinger, 2002, p. 59). Tendo uma certa repulsa pelo povo judeu, oriunda dos preconceitos correntes tanto em seu meio social quanto nos meios clericais, duvidando de sua conversão a curto prazo e por vezes temendo-a como um sinal do fim do mundo (Ratisbonne, 1966), as Irmãs se devotavam cada vez mais à educação das meninas cristãs das classes altas. O apostolado dos judeus, que elas mantinham mal ou bem por fidelidade às origens, tendia a se deformar e a se diluir. Em meados do século XIX, as Irmãs se alegravam mais com a realização do “projeto sempre adiado de fundar um colégio em Paris” (M<sup>te</sup>-Carmelle, 1977, p. 47) do que com um aumento das conversões. Um dos primeiros atos da Ir. Louise (1860-1871) como superiora geral foi a criação de uma comissão permanente de seis irmãs encarregadas de estabelecer um plano de ensino uniforme para todos os internatos de Sion no mundo (Sion, 1862, p. 88).

Os anos 1870 foram bastante conturbados. A guerra franco-prussiana e a Comuna de Paris fizeram com que “as irmãs se dispersassem, que o Conselho Central se instalasse em Londres” (Giraud, 1999, p. 6). Alguns anos mais tarde, entre 1880 e 1908, viria a crise do ensino congreganista. Sion resistiu até 1904, retraindo-se, preferindo “acomodamentos discretamente negociados com as autoridades públicas ou obtidos legalmente [à] agressividade vingativa” do *Sacré-Cœur* (Langlois, 2014, p. 8). O futuro de Sion na França parecia incerto. As irmãs educadoras “foram buscar refúgio em Antuérpia ou em Praga”, os internatos foram confiados

a leigas, em sua maioria antigas alunas de Sion. As Irmãs que permaneceram na França tentaram tornar-se “professoras experientes”, como exigia o governo, já que “não se resignavam a aceitar o controle oficial sobre os estabelecimentos escolares” (Giraud, 1999, pp. 11-12).

Confirmando a hipótese de que o ensino as desviava de seu carisma original, foi por ocasião do “fechamento de todos os estabelecimentos escolares” que, por um breve período (1907-1911), Israel conquistou “amplo lugar nas discussões capitulares” (Sion, 1946). Mas a Ir. Gonzalès, superiora geral eleita em 1911, voltaria a valorizá-lo, buscando soluções a esse fechamento que “compromete a situação financeira da Casa matriz” (Giraud, 1999, p.15). Ela reforçou “a disciplina e censurou as saídas”, tornando impossível qualquer tentativa de ação direta. Esse estilo de direção parecia convir ao conjunto da congregação, pois a Ir. Gonzalès ocupou o cargo de superiora geral até 1931. No entanto, durante os anos 1930, a acentuação dos desequilíbrios estruturais traria à congregação “graves problemas financeiros”, a ponto de, em 1931, a tesoureira, Ir. Borromée, evocar “a necessidade absoluta de restringir nossos gastos” e aconselhar às Irmãs “a prática conscienciosa da santa pobreza” como “salvaguarda da vida religiosa e da prosperidade temporal da congregação” (Sion, 1946).

Sion continuou a rezar pela conversão dos judeus, sem tomar nenhuma iniciativa quanto à sua missão específica. Confirmando essa postura passiva, as diversas fundações seriam apresentadas como “obras de espera”, às quais as Irmãs se consagrariam até que Deus se dispusesse a converter os judeus, objeto de suas orações. As próprias Irmãs achavam que não era possível converter os judeus na França e que havia outros campos de ação nesse país (Sion, 1925, p. 6). No entanto, diferentes grupos de católicos do exterior questionaram a congregação: *O que fazem vocês pelos judeus?* Sua insistência deu origem à criação, em 1905, da *Association de Prières pour la Conversion d'Israël*<sup>9</sup> (API), promovida a Arquiconfraria em 1909.

## A ação da Ir. Théodorine e da Ir. Judith

A API seria, durante décadas, a expressão privilegiada do apostolado sionense (Comte, 2001, p. 20), senão a única. Embora a Casa Matriz fosse seu centro ativo, o conjunto da

<sup>9</sup> Cinco internatos foram fechados na França, nessa época: Paris, Grandbourg, Saint Omer, Marseille, Royan.

<sup>10</sup> Conhecida no Brasil como *Cruzada de Orações pelo Povo Judeu*.

congregação permaneceu indiferente ou reservado. Apenas duas Irmãs se consagrariam a ela de corpo e alma. A Ir. Théodorine, que assumiu a direção da API em Paris em 1922, buscou ampliar o pequeno círculo de convertidos, multiplicando as reuniões abertas às senhoras da alta sociedade e editando, a partir de 1928, os *Échos de Notre-Dame de Sion* (Sion, 1925, t. 2. Rapport de l'API). Em Londres, a Ir. Judith, uma ardente anglicana convertida, criou em dezembro de 1917 a *Catholic Guild of Israel*, que visava lutar contra o antisemitismo dos meios católicos, esse sentimento *unchristian and un-Catholic as possible* (Martindale, 1929). A congregação só começou a se mobilizar quando as Constituições de 1925 (Sion, art. 71) incitaram explicitamente as Irmãs a “se empenharem na difusão [da API] e a conseguir-lhe adeptos”. Reconhecendo o alcance dessa linha filossemita, os Padres de Sion tentaram em vão assumir a direção da *Guild of Israël*. Eles conseguiram, no entanto, substituir os *Échos de Sion*, que consideravam intelectualmente insuficiente, pela revista *La Question d'Israël*. Outros padres, como o Pe. Colson, se engajaram, no entanto, ao lado das Irmãs, mas essas tentativas de ação conjunta fracassaram (Sion, 1925, t. 2. Rapport de l'API).

Existia, sem dúvida, uma demanda de ações diretas visando à conversão de Israel... desde que fossem conformes à ortodoxia da Igreja. Tal parece não ter sido o caso de *Amici Israel*, associação criada em 1926 pelo Pe. Van Asseldonk e Franceska Van Leer, cujos membros, homens ordenados, em sua maioria, “se comprometiam a ir ao encontro dos judeus a fim de que Israel tivesse rapidamente seus apóstolos” (Macina, 2014, p.14). Apesar do interesse que despertou entre intelectuais cristãos, sua ação resoluta contra o antijudaísmo teológico levou o Santo Ofício a suprimi-la em 1928, por “adotar uma maneira de agir e de pensar contrária ao sentido e ao espírito da Igreja, ao pensamento dos Santos Padres e da liturgia” (Macina, 2014, p. 2). Ao sabotar assim uma das mais promissoras tentativas de ação direta para a conversão de Israel, a Igreja reforçou a ortodoxia de Sion.

Embora a API não tivesse nenhum caráter inovador, pois era “antes de tudo uma comunidade de orações” (Sion, 1910), foi a Ir. Théodorine quem deu o pontapé inicial para a mudança. Durante o XI Capítulo Geral, ela fez um vibrante apelo à ação direta que incluiu uma corajosa autocrítica da relação da congregação de Sion com os judeus. “A necessidade de agir se impõe de maneira evidente. ... Nossa pouca prontidão em agir no sentido das principais finalidades de nosso instituto” provoca “surpresa, e até mesmo escândalo” entre os cristãos, alguns dos quais não deixam “de se interrogar sobre a finalidade da congregação”. Ela encerrou

seu apelo, conclamando Sion a dar “menos importância ao internato católico” e “a começar corajosamente a missão específica que nos foi confiada”; e “suplicou humildemente às Irmãs capitulares” a agir para que “Sion se volte à ação direta em prol da conversão dos judeus” (Sion, 1925, t. 2. Rapport de l'API). Mas as instâncias dirigentes da congregação rejeitaram sua súplica em termos bastante preconceituosos:

Na França, os judeus não aparecem, embora dirijam, no fundo, a política, por meio da maçonaria, da imprensa e da fortuna pública que detêm. Pode-se dizer que, individualmente, estão camuflados e desejam antes de tudo fazer esquecer sua nacionalidade rática. ... *Não nos parece que tenha chegado a hora de uma ação direta* que, por outro lado, seria imediatamente travada pelos poderes políticos, sob a direção oculta da sinagoga (Sion, 1925, t.2. Rapport de l'API).

As Irmãs continuaram assim a se limitar a rezar por Israel, segundo a linha da Igreja. Ao reiterar, nos anos 1940, as críticas referentes à forte impregnação antissemita dos meios católicos, à queda constante do antijudaísmo doutrinário num antissemitismo ora virulento, ora latente, o Pe. Paul Démann (1947, pp.49-56) se tornaria anátema, seria vítima de uma campanha de opróbrios e acabaria por deixar a congregação em março de 1963. No entanto, sua postura de estima serviu de orientação às Irmãs de Sion em sua relação com os judeus às vésperas do Concílio Vaticano II, incitando-as a conhecê-los melhor, a refletir sobre eles, a percebê-los intuitivamente a partir da Santa Escritura (Macina, 2014, p.16). O carisma da congregação só começaria a ser levado a sério em 1937, quando a chegada das *Ancelles* alavancou as coisas no sentido da ação direta.

## As *Ancelles* e o apostolado direto

Eleita em 1931, a nova superiora geral, Ir. Amédée, “se propôs como objetivo principal a reanimação, na congregação, do sentido da missão que lhe fora confiada pela Igreja” (Sion, *Biographie de M<sup>e</sup> Amédée*, [n.d.], p. 4), lembrando às Irmãs “a beleza e importância dessa vocação privilegiada e as grandes responsabilidades que assumimos quando de nossa profissão de fé” (Sion, 1932). Isso não quer dizer que ela renegasse o movimento de piedade reparadora ou a postura passiva da congregação. Até o fim de seu generalato, a Ir. Amédée continuou convencida de que o carisma da congregação feminina deveria se limitar “ao apostolado indireto pela oração e pela oferta de nossa vida”. Ela apenas incitou as Irmãs a contribuir, “cada uma

por sua pequena parte, à grande resposta de amor da Congregação” e “a reparar durante toda nossa vida a negação de Israel” (Sion, 1936). Sua postura pessoal não a impediu de tomar decisões para sanar a carência de ação direta na Congregação. Em março de 1936, ela aceitou a proposta do Patriarca de Jerusalém de ligar a Sion, sob o nome de *Ancelles*, as *Servas de Nossa Senhora Rainha da Palestina*, uma pequena congregação diocesana de religiosas de Jerusalém, cujo estatuto mais livre e cujas roupas civis lhes permitiam consagrar-se ao apostolado direto – coisa “impossível” para a congregação de Sion, devido aos “entraves [que] nossa Regra coloca” (Sion, 1937. Rapport sur l'œuvre d'Israël). M<sup>c</sup> Amédée pensava que “a fundação das *Ancelles* foi feita para sanar essa situação” (Sion, 1945). A partir dessa data, a congregação feminina disporia de um triplo regime de práticas: as Irmãs apostólicas, as Irmãs contemplativas e as *Ancelles*, cujo trabalho se baseia “na revelação do Cristo, que partilha a vida dos seres humanos” (Cabra, 2006, p.80).

Depois de um noviciado destinado a impregná-las do espírito de Sion, as *Ancelles* fizeram seus votos e abriram no bairro judeu um centro social em que trabalhavam como puericultoras, enfermeiras ou assistentes sociais, buscando o contato direto com a população judia. Suas obrigações e prerrogativas são definidas nos art.50, 50bis e 50ter das Constituições (Sion, 1938), especialmente no último deles, que lhes permite “ocuparem-se de obras sociais nos meios pobres, sobretudo entre os judeus” ... “abrindo dispensários, obras de juventude, centros de assistência social e visitando as famílias necessitadas”, podendo, “por vezes, mas com prudência, dirigir-se a esses meios para ensinar o catecismo ou visitar os enfermos, convertidos ou não”. Da manhã ao cair da noite, elas não estavam submetidas à clausura ou ao porte do hábito. O trabalho profissional, o tratamento de *mademoiselle*, as roupas civis e as saídas mais livres lhes davam maior liberdade de ação.

## A guerra muda a situação<sup>11</sup>

Apesar de seu reduzido número, as *Ancelles* pesaram na evolução da Congregação, sobretudo durante a guerra, quando participaram ativamente do salvamento dos judeus. A guerra de 1939-45 criou um terreno propício à intervenção concreta da congregação entre os

<sup>11</sup> Dados tirados do livro de Madeleine Comte (2001), Capítulo IV, que trata dos anos de guerra 1940-1944.



judeus perseguidos, mas, ocupados em rezar por sua conversão, poucas Irmãs e Padres vieram em seu socorro. Prudente, a superiora geral não deu nenhuma palavra de ordem geral. As diferentes casas de Sion se engajaram segundo o grau de liberdade que lhes outorgava a superiora local, como em Grenoble, Lyon ou Marseille; e as Irmãs, segundo sua personalidade, sua trajetória e sua visão do mundo.

A Ir. Gonzalès, então superiora da Casa de Paris, assumiu o governo provisório da congregação até o final de 1942. Seguindo as orientações da hierarquia católica, “que adotara a tese da obediência ao poder estabelecido” (Duchesne, 1986, p. 352), ela, como a maioria dos franceses, aderiu ao M<sup>al</sup> Pétain e, no Natal de 1940, o *Journal de la Maison Mère* (Sion, 24 décembre 1940) chegou mesmo a enaltecer “a nota paterna e cristã [da] bela mensagem do Marechal”. Levanto a hipótese de que a revogação, nessa data, das leis que proibiam o ensino às congregações e “os auxílios ao ensino livre negociados com o governo a partir de setembro de 1940” (Duchesne, 1986, pp. 91-92) contribuíram a reforçar a adesão da Igreja a Pétain.

A bem da verdade, deve-se dizer que a maior parte dos católicos se preocupava muito pouco com o problema judeu. O Diário da Casa Generalícia ignorou totalmente o primeiro estatuto dos judeus, em outubro de 1940. Só os atos que atingiram diretamente a congregação, como “a pilhagem da biblioteca do Pe. Devaux” ou o envio aos campos de concentração “dos irmãos e dos pais das meninas de que se ocupavam as *Ancelles*” suscitaram “intensa emoção” (Sion, outubro 1940, maio 1941). Isso é compreensível, dada a desinformação que existia no seio da congregação: as Irmãs não podiam ler jornais nem escutar rádio. Ao longo de 1942, as medidas tomadas progressivamente contra os judeus franceses fizeram com que elas se comovessem: o Diário da Casa Generalícia comentou a obrigação de ostentar a estrela judaica, as prisões em massa do Vel' d'Hiv e as novas operações contra os judeus, inclusive aquela feita contra os judeus romenos em setembro de 1942, da qual foi vítima a Ir. Gila (Sion, juillet 1943; 1946, p.26).

Apesar de a casa de Paris viver ao ritmo dos alertas de bombardeios dos Aliados e da descida noturna aos abrigos entre abril de 1942 e julho de 1944, as Irmãs continuaram a levar sua vida habitual. Só o internato, dirigido pela Ir. Francia, foi sede de intensa atividade de socorro, associado às *Ancelles*. Apesar do privilégio de ação direta de que gozava a congregação masculina, apenas se implicaram os P<sup>es</sup> Théomir Devaux e Paul Démann. A guerra reaproximou os dois ramos: a Ir. Francia e o Pe. Devaux formaram uma rede de salvamento na qual ambos

eram igualmente ativos, com a diferença de que a primeira teve que contornar a Regra para fazê-lo.

A Ir. Francia foi, sem dúvida, uma das Irmãs de Sion que mais se implicaram. A direção do internato permitiu que essa mulher inteligente e de grande coragem tivesse um papel decisivo nas ações de salvamento, escondendo crianças judias e membros da Resistência nos internatos de Grandbourg e de Paris, frequentemente à revelia das outras Irmãs, porque não alimentava nenhuma ilusão quanto à sua cumplicidade. Ela afirmou que apenas “cinco ou seis pessoas [a] ajudaram muito”, entre as quais quatro jovens Irmãs conversas que ocupavam postos-chave na portaria, no refeitório e entre as Martinhas<sup>12</sup>. De origem aristocrática, ela contou igualmente com o apoio da família De Linares, à qual pertencia, e com a cumplicidade de inúmeras pessoas externas à congregação, implicadas na Resistência.

Para realizar essas ações de salvamento, a Ir. Francia foi obrigada a contornar vários pontos da Regra, como os votos de obediência, a clausura ou as restrições de vestuário. Ela vestia um *tailleur* para conduzir os judeus para a Zona Livre, ocultar crianças ou empreender gestões em instituições humanitárias. Ela tampouco hesitava em misturar jovens judias às alunas do internato; mas, consciente dos riscos que corria e fazia correr as alunas, mantinha-as informadas sobre a situação política. A Ir. Marila, que cuidava das internas em Saint-Omer, lembra “que havia algumas crianças judias protegidas pela Ir. Francia, pelo menos umas oito”. Quando Laval ordenou a deportação das crianças judias, em 1942, a Ir. Francia chegou mesmo a desafiar a autoridade da Ir. Gonzalès, a quem certas iniciativas suas atemorizavam, retorquindo-lhe que não abandonaria, de maneira alguma, essas crianças. Ela negou-se mesmo a entregá-las à polícia francesa, que veio buscá-las em Sion.

As ações de salvamento em Lyon evocam duas sucessivas superiores gerais, duas mulheres fortes: a Ir. Clotilde, que dirigiu essa casa até agosto de 1943, é, junto com a Ir. Francia, “uma das personalidades mais resistentes da congregação” (Ir. Marie-Louis); e a intrepidez da Ir. Antonine, que a governou de 1943 a 1950, não a impediu de conservar uma mentalidade prosélita ao extremo, como prova seu indiciamento no caso Finaly<sup>13</sup>. O fato de auxiliar ou

<sup>12</sup> Jovens pobres educadas pelas Irmãs de Sion numa escola à parte. Em troca de três horas diárias de ensino, deviam consagrar o resto do tempo à limpeza do prédio e outras atividades domésticas. O nome *Martinhas* vem da analogia com a figura de Marta, no Novo Testamento, que, em vez de adorar Jesus, preferiu consagrar-se às lides domésticas.

<sup>13</sup> Manobras ilegais da Igreja Católica entre 1945 e 1953 para não devolver à sua família de origem duas crianças judias confiadas à sua guarda.

integrar a Resistência não exclui uma perspectiva conversionista; algumas das Irmãs que participaram das ações de salvamento tinham pontos de vista inteiramente divergentes com relação à conversão dos judeus. Por exemplo, a posição da Ir. Francia quanto ao batismo das crianças judias contrastava com a ideia dominante no seio da congregação: ela pensava que se devia esperar que atingissem a maioria para que pudessem escolher por si mesmas. No entanto, “essas humildes tarefas de socorro aos perseguidos durante os anos negros” (Fouilloux, 2001, p. X) contribuíram para a emergência de uma corrente de aproximação entre judeus e cristãos, consagrada pelo Concílio Vaticano II.

A guerra veio, igualmente, alterar as condições de trabalho das *Ancelles* que, por ocasião das prisões em massa de julho de 1942, fizeram tudo para subtrair as crianças e suas famílias à deportação e à morte. Em 1943, elas receberam a preciosa ajuda da Ir. Joséphine, assistente social já implicada em inúmeras ações de salvamento em Grenoble. Em Paris, ela passava diariamente no convento dos padres para receber do Pe. Devaux os documentos e os endereços que lhe permitiriam conduzir as crianças ameaçadas até um lugar seguro.

Ela tinha uma lista de nomes, ela batia na porta das pessoas, casa por casa, 45 crianças, entre os quais [meus irmãos] Léon e Jacob .... A Irmã de Sion escondeu muitas crianças. ... Ela é minha mãe, gosto mais dela do que de minha família. (Mathilde E., sobrevivente de Birkenau, agosto de 1977)

Uma outra Ancelle, Ir. Agnese, também conseguiu “esconder grande número de crianças judias cujos pais tinham sido presos ou deportados”<sup>14</sup>, que as equipes animadas por Germaine Ribière e pela Ir. Joséphine conduziam ao interior da França, com o concurso da Ir. Andrea Maria, que falava ídiche.

A guerra deixou sua marca na congregação feminina, que começou “a rever as noções de povo maldito e de deicídio” (Rota, 2003, p.16). O período pós-guerra assistiu, assim, a um esforço para pôr fim ao espírito prosélita e a uma intensa luta contra o antissemitismo, período no qual a intervenção do Pe. Paul Démann fez com que a missão da Igreja com relação a Israel começasse a ser pensada em termos de reconciliação e de estima (*Informa-Sion*, 2006). No entanto, para que o conjunto da congregação se orientasse nesse sentido, seria preciso esperar

<sup>14</sup> Segundo atestado da S<sup>ta</sup> Maze, da *Fédération des Centres Sociaux de France*, 19 de setembro de 1951.

o XVII Capítulo Geral, em 1964, para as Irmãs; e para os Padres, o XV Capítulo Geral, em 1970.

## **Conversão e ensino: o reverso da medalha**

Uma das especificidades da congregação feminina de Sion é sua capacidade de manter, durante mais de cem anos, o que se assemelha a um duplo carisma: a conversão do povo judeu, carisma original, por assim dizer; mas, sobretudo, o ensino, estimulado desde as origens pelo fundador. Alguns elementos da congregação impulsionaram igualmente uma forma diferente de realizar esse carisma original, ao colaborar ativamente para a passagem de um espírito conversionista e antissemita, baseado na oração pela conversão do povo judeu, para a postura de estima que orienta hoje em dia as duas congregações, onde toda perspectiva missionária foi abandonada em função do diálogo. Cinco Capítulos decisivos vão contribuir para essa dupla mudança, entre 1946 e 1970.

O XIV Capítulo Geral, em 1946, veio colocar a instituição na rota da reforma, “adaptando os recursos do passado às exigências do presente” (Sion, 1946, p.2. Mgr. Suhard, Allocution introductoire). Havia uma vontade de se reaproximar do mundo judeu, formando as Irmãs com base “na Santa Escritura, nos nossos fundadores e nas origens de Sion” (Rota, 2005, p.70). As orientações de João XXIII deram maior protagonismo às Irmãs e aos Padres como indivíduos, no seio da Igreja. Havia também uma vontade de abertura: em 1946, as noviças foram autorizadas, pela primeira vez, a possuir uma Bíblia. Em 1947, a Ir. Amédée condenou “a tendência a tratar as Irmãs como crianças, deixando-as na ignorância dos acontecimentos externos, mesmo importantes” e lhes permitiu o acesso à informação (Sion, 1947). No entanto, elas continuaram submetidas às restrições próprias a seu sexo: não podiam sair sozinhas, nem mesmo quando estudantes e, contrariamente aos padres, só podiam frequentar universidades católicas. O balanço das atividades durante a guerra feito pela congregação ignorou totalmente mulheres da estirpe da Ir. Francia, Ir. Clotilde ou das *Ancelles*, e louvou apenas “o corajoso devotamento do Pe. Devaux ao serviço desses infelizes” (Sion, 1946. Rapport de l'Administration Générale, n.d.).

O XV Capítulo Geral, em 1951, elegeu a Ir. Marie Félix, que dirigiria a congregação até 1964. Mulher avançada para sua época, ela encorajou “as iniciativas pessoais no sentido de uma

renovação da vocação sionense”, embora ainda “dentro dos limites impostos pelo respeito à memória dos fundadores” (Rota, 2005, p.71). No início de seu mandato, duas cartas circulares esboçaram as linhas de força de seu governo: a formação das irmãs e o desenvolvimento das vocações. Dada a correlação de forças no seio da congregação, ela se viu frequentemente obrigada a conciliar as diferentes suscetibilidades. Na carta de fevereiro de 1951, a Ir. Marie Félix parecia desqualificar as orientações prosélicas: “Mostremos enfim ao mundo que trabalhamos antes no sentido de uma reaproximação entre judeus e cristãos do que de conversões prematuras. Uma reputação de 'proselitismo' prejudicar-nos-ia mais do que serviria a nosso apostolado”. (Sion, le 2 février 1951).

Mas na carta de novembro de 1951, ela afirmou que deixar crer que Israel é o fim exclusivo do apostolado sionense poderia dificultar o recrutamento. Era preciso dizer às jovens que “a vocação de Sion é eminente e universalmente missionária, ressaltando o desenvolvimento social de nossas atividades, sem deixar de mostrar às aspirantes e às noviças toda a grandeza e a beleza de nosso fim especial” (Sion, le 2 novembre 1951).

Apesar de alguns pequenos avanços, seis anos mais tarde, em 1957, por ocasião do XVI Capítulo Geral, o conjunto da congregação continuava a marcar passo. A perspectiva missionária e as atividades ligadas ao ensino tinham ainda a primazia, e a relação com os judeus parecia deixar de ser o carisma da instituição em seu conjunto, pois apenas “uma parte de [suas] forças vivas ... deve ser orientada para Israel” (Sion, le 29 juillet 1953). A própria superiora-geral afirmou que “não nos pedem que renunciemos ao passado nem que abandonemos nossas obras educativas, mas sim que as revitalizemos dentro da orientação de nossa vocação específica” (Sion, le 9 juin 1963).

Apesar de sua posição bastante pragmática, a Ir. Marie Félix não perdia de vista seus objetivos de estimular a formação das Irmãs e de orientar a congregação para seu apostolado especial (Sion, 1963). Em julho de 1953, ela organizou uma série de conferências com especialistas (Giraud, 2010, p.10) e montou, dois anos mais tarde, um centro de documentação sobre Israel<sup>15</sup> na Casa Matriz (Sion, *Conseil Central*, le 8 février 1955). Uma outra carta sua, de setembro de 1962, incitou as Irmãs a assumirem um papel mais importante na sociedade, a exemplo das outras mulheres, e a se consagrarem a altos estudos especializados em teologia e

<sup>15</sup> A respeito do conflito em torno desse centro, ver Xavier de Brito (2014a, pp.90-94).

em judaísmo. É possível que essa parte de suas ações se deva à troca regular de pontos de vista com Paul Démann, desde os anos 1950 (Sion, 1954). A Ir. Marie Felix tentou igualmente aprofundar a contradição entre carisma e educação, denunciada pelo Cardeal Béa, sugerindo às superiores locais um certo número de medidas para reduzir a importância do ensino, como a diminuição do número de alunos, a contratação de professoras externas à congregação e mesmo o fechamento de alguns internatos, de maneira a “liberar forças para nossa missão principal, Israel”, embora isso pudesse acarretar “sacrifícios orçamentários” (Sion, le 2 novembre 1951; le 8 décembre 1961). Mas não se tratava absolutamente de eliminar essa dimensão, como ela diz em resposta à carta que lhe dirigiram algumas irmãs brasileiras:

Seria errado pensar que a congregação não deve continuar seu trabalho educativo. A educação é uma força eminente de evangelização que existe, na verdade, desde as origens da congregação. Mas essa obra educativa não deve absorver todas as forças vivas da congregação, de uma província, de uma casa. ... Podeis ser educadoras, mas educadoras que têm uma mensagem específica a transmitir. Isso exige uma formação sólida e uma vida espiritual profunda e firmemente orientada para nossa missão específica: só se pode dar o que se possui. (Sion, le 9 juin 1963)

No entanto, a contradição entre oração, ensino e ação direta se acirrava no seio da congregação. Segundo os Conselhos Centrais do período 1957-63, as *Ancelles* ocupavam cada vez mais o terreno, a tal ponto que se pensou em criar um consuetudinário adaptado a suas necessidades. Embora tivesse escrito a suas filhas, em 1961, “que um número muito maior de irmãs deveria seguir o exemplo das *Ancelles*” e consagrar mais tempo “à sua vocação especial”, ainda que isso acarretasse “uma completa alteração de seu estilo de vida” (Sion, le 8 décembre 1961), a Ir. Marie Félix sentiu necessidade de consultar a Sagrada Congregação para os Religiosos sobre o *status* que esses membros da congregação, “que não adotam a forma de vida tradicional a fim de acercar-se mais de Israel” (Sion, le 2 juin 1961), deveriam ter em seu seio. Numa carta de julho de 1961, ela comunica às provinciais e às vice-provinciais a “profunda alegria” que lhe causara a resposta do padre Paul Philippe:

A congregação não vai suficientemente ao encontro do povo judeu, que é seu principal objetivo. Em vez de “especializar as *Ancelles*”, a congregação deveria “orientar para a ação direta um maior número de religiosas”, mesmo que tenha que adaptar as prescrições de clausura, de hábito e do tipo de vida ao apostolado de Israel. Em resumo, trata-se de ligar mais efetivamente as *Ancelles* ao conjunto da congregação. (Sion, le 2 juillet 1961)

Finalmente, o XVII Capítulo Geral, realizado em Roma em 1964, inaugurou a reformulação radical da vocação das Irmãs. Realizado ao mesmo tempo que o Concílio Vaticano II, ele representou “uma virada na vida da congregação, a volta às fontes, o capítulo da renovação” (Giraud, 1999, p.24). Reconheceu-se pela primeira vez que “*Notre Père, o Père Marie* e algumas de nossas superiores eram pessoas de seu tempo, que não escaparam à mentalidade ambiente” (Rota, 2005, p.74). De acordo com o espírito do Concílio, o hábito das Irmãs foi modificado e as regras de clausura atenuadas, permitindo-lhes um contato mais efetivo com os judeus. Mas as duras negociações internas à Igreja fizeram com que as primeiras versões da declaração *Nostra Ætate*, pelas quais tinham tanto lutado algumas Irmãs pioneiras (Klein, [n.d.], p.10; Xavier de Brito, 2014a, p.90), tivessem seu conteúdo bastante alterado, inclusive eliminando a retratação à acusação de deicídio feita aos judeus. Paradoxalmente, devido aos sucessivos reveses em sua relação com a congregação, as *Ancelles* deixaram-na durante esse Capítulo, criando um instituto secular, *Pax Nostra*. A congregação de Sion parece ter uma estranha relação com as pessoas que a fazem avançar: o Pe. Démann deixou a congregação em 1963 (Vermès, 2006, pp. 90-91), desgostoso com as acusações que lhe foram feitas; e as *Ancelles*, um ano mais tarde, devido às restrições que lhes quiseram impor. A mudança na eclesiologia sancionada pelo Concílio Vaticano II acarretou igualmente a dissolução da API em 1966, pois “o tempo do proselitismo cristão chegara ao fim” (Rota, 2003, p.18). “Sion funda seu novo apostolado sobre a aproximação judaico-cristã” (p.18) e “a Igreja toma nova consciência dos valores religiosos que existem em nossos irmãos de crença” (Sion, le 21 mars 1964).

O XVIII Capítulo Geral, dirigido pela primeira vez por uma Irmã não francesa, a Ir. M<sup>re</sup> Laurice, de nacionalidade inglesa, teve duas sessões. A primeira, em Ariccia, em 1969, procedeu definitivamente ao *aggiornamento* da congregação em relação direta com o espírito e os textos conciliares. Esse “trabalho da congregação em busca de sua identidade” se inscreveu no seio “de uma Igreja que estava ela mesma se redefinindo, redescobrando suas raízes judias” (Rota, 2005, p.69) e estabeleceu os textos normativos que consagraram sua nova maneira de trabalhar, à espera das novas Constituições. A segunda, realizada em Londres em 1970, abordou a formação das Irmãs na Igreja e tratou das formas de colaboração com o Instituto *Pax Nostra*, por um lado, e por outro, com os Padres de Sion.

Os Capítulos gerais que ocorreram a partir dessa data se centraram numa reflexão aprofundada da congregação feminina sobre seu carisma, na redação das novas Constituições –

cujos textos definitivos foram aprovados em 1984 – e nas maneiras de colocar em prática essas novas orientações (Giraud, 1999, p.26), principalmente as que diziam respeito às relações entre judeus e cristãos, às bases bíblicas e teóricas do carisma e aos desafios que lhes colocava o mundo atual, inclusive a internacionalização da congregação e o projeto apostólico de instalação em Israel.

## Considerações finais

Finalmente, nem as condições sociais da época, que submetiam as mulheres a importantes restrições de mobilidade, nem a Regra em si podem ser tidas como totalmente responsáveis pelo fato de que nenhuma das duas congregações de Sion se tenha consagrado ao carisma desde a fundação. No caso da congregação feminina, costuma-se imputar isso à semiclausura das Irmãs, certamente bastante prejudicial no que se refere ao contato com os judeus. Mas a historiografia atual não considera mais a clausura como uma barreira insuperável e, inspirada no conceito mais geral de “negociação” de Strauss (1992), postula que os seres humanos são criaturas ativas que modelam seus contextos e suas perspectivas de futuro enfrentando as limitações que pesam sobre suas ações. Zarri (2007, p.38) se pergunta, no entanto, se a noção de negociação convém, no que diz respeito “a uma alteração tão radical quanto a separação do mundo decretada pelo Concílio de Trento”, que limita o papel do indivíduo, de seu psiquismo e de sua história, nas congregações femininas, na medida em que as Irmãs se defrontam com um pesado aparelho institucional em que as decisões são geridas exclusivamente por homens – do confessor ao bispo e aos cardeais das Sagradas Congregações romanas. Existe, assim, uma dinâmica temporal e interacional complexa que compromete os indivíduos que aí participam.

Dentro dos conventos de Sion, os limites dessa permeabilidade – para utilizar o conceito de Lehfeldt (2005) – poderiam claramente variar segundo a época e segundo as superiores-gerais da congregação; mas, de maneira geral, “a clausura teve como efeito reduzir drasticamente as capacidades de negociação das mulheres e instalou uma dominação masculina marcada sobre suas instituições” (Zarri, 2007, p.40). Mas se a clausura fosse a única responsável por essa situação, os padres, não submetidos a nenhuma restrição desse tipo desde sua fundação, não deveriam ter tido problema em se consagrar ao carisma da congregação. Entretanto, eles só o fizeram efetivamente nos anos 1970, bem mais tarde do que as mulheres.



O primeiro despertar dos dois ramos de Sion deu-se justamente no contexto de euforia que sucedeu à Primeira Guerra Mundial, quando o indivíduo foi valorizado. Houve, como mostrei, exceções individuais nesse panorama. Mas de fato, até o XVII Capítulo Geral, em 1964, para as Irmãs, e o XV Capítulo Geral, em 1970, para os Padres, nenhum dos ramos como um todo abandonou os preconceitos derivados da teologia antijudaica. Como alegam as próprias Irmãs, é possível que “o antissemitismo latente dos séculos XIX e XX tenha bloqueado para nós muitas possibilidades de reconhecimento e de testemunho de amor por Israel” (Sion, 1964, p.14). A adesão e o respeito a um povo que a eclesiologia da época acusava de deicida não era simples, e essa representação só começou a enfraquecer nos anos 1960.

No Pós-Guerra, ambos os ramos continuaram a compreender seu carisma como restrito à oração – com exceção de alguns raros membros, que empreenderam uma reflexão pessoal. Mas o trabalho de reconstrução dos internatos e o afluxo de novos alunos (Sion, 1946, p. 5) contribuíram para um novo desinteresse pelos judeus. Atenuados embora, os preconceitos persistiam. Se a congregação aconselhava “uma grande delicadeza em nossas relações com os israelitas, ... evitando qualquer palavra que possa ferir ou fechar suas almas”, o discurso vigente falava ainda em “elevá-los do ponto de vista moral e religioso ... pelas ideias cristãs, já que não tinham a atitude que se gostaria de vê-los adotar” (Sion, 1946, pp.4-5). Não é por acaso que Jules Isaac (2005, p.102) comenta, em suas cartas à Ir. Marie-Pierre de Sion, o quão é difícil, “quando se teve uma formação e uma educação católicas, ter com relação ao judaísmo a atitude perfeitamente justa que deveria ser de rigor para todo cristão”.

As próprias contradições internas à congregação impediram que a vinda das *Ancelles* contribuísse a sanar o problema colocado pela ação direta. A “adaptação audaciosa das formas tradicionais da vida religiosa”, à qual “sua forma especial de apostolado as obrigou ... as diferencia claramente das outras religiosas de Sion” (Sion, 1964, p.17). Nem a própria congregação, nem a Sagrada Congregação dos Religiosos, a quem esta recorreu por duas vezes, conseguiram definir o lugar das *Ancelles* na congregação e na Igreja. O Estatuto que o Pe. Henri Joulia lhes forneceu a título experimental não satisfaz nenhuma das duas partes. As *Ancelles* consideraram que a segunda parte desse Estatuto as fez “recuar dez anos e a forma de governo proposta impediu a unidade no interior do grupo” (Sion, 1946, p.19. *Rapport sur les Ancelles*), na medida em que as colocou na dependência de superiores de outros ramos. A bem da verdade, deve-se reconhecer que a congregação não soube o que fazer com essas Irmãs fora da norma.

Com o desejo de ação direta despertado durante a guerra, elas ganharam cada vez mais terreno em seu seio, e as alunas dos internatos se interessaram por suas conferências. Apesar disso, do apoio de duas superiores-gerais, do conselho de Mons. Philippe de ligar mais efetivamente as *Ancelles* ao conjunto da congregação, a maioria das Irmãs relutava em abandonar a confortável posição que tinham conquistado desde o século XIX, através do ensino e da oração. Tem-se, por vezes, a impressão de que gostariam de integrar as *Ancelles*, e até de tornar-se iguais a elas; outras vezes, elas tentavam desviá-las de seu rumo, como durante o Capítulo de 1946, quando pensaram em confiar-lhes a direção da API, com o objetivo de formar “as Agregadas de Sion, essa ordem terceira tão desejada por *Notre-Père*” (Sion, 1946, p.20). As *Ancelles* pensaram que a proposta que lhes foi feita de se transformarem num instituto secular era “mais uma independência do que uma autonomia” (Sion, 1946, pp.18-19. *Rapport sur les Ancelles*). Elas preferiram, assim, desligar-se de Notre-Dame de Sion, contra a opinião do Padre Cocagnac (n.d., n.p.), para quem essas divergências se fundavam em “pontos secundários”; e sua mútua ligação poderia ser concretizada pela criação “de uma atividade comum por Israel”, como “transformar a casa de Viroflay num centro de pesquisas israelitas próprio à congregação”.

Até os anos 1970, o internato continuaria a ser a obra principal da congregação feminina. Apenas a nova geração levaria a cabo a transformação iniciada com o Concílio Vaticano II, adotando implicitamente a sugestão do Pe. Cocagnac ao criar os SIDIC<sup>16</sup> e dedicar-se à ação direta em meio judeu – embora não mais com o concurso das *Ancelles*.

---

<sup>16</sup> Serviço de Informação e de Documentação Judaico-cristão, fundado em Roma em 1966.

## Referências

### Documentos de arquivo<sup>17</sup>

- Cocagnac, A. M. op. (n.d.). Notes et suggestions à propos des Ancelles de Notre-Dame de Sion, de l'avenir de la maison de Viroflay. Document dactylographié, n.p.
- Colson, H. nds. (1959). Les Pères de Notre-Dame de Sion. Polycopié. Archives informatisées des Pères de Notre-Dame de Sion.
- Démann, P. nds (1947). Le problème d'Israël (pp. 49-56). In *La crise des missions. Comptes-rendu de la XVIIIe semaine de la missiologie de Louvain*.
- Gibson, R. (1993). Le catholicisme et les femmes en France au XIXe siècle. *Revue d'histoire de l'Église de France*, LXXIX, 63-93.
- Giraud, A. Th. nds. (1999, novembre). Histoire des Chapitres Généraux. Lyon: Atelier audiovisuel de Notre-Dame de Sion.
- Giraud, A. Th. nds. (2010, juin). Notre retour aux sources, 1951-1984. Lyon: Atelier audiovisuel de Notre-Dame de Sion.
- Ilario, nds. (1965). Um obstáculo ao apostolado de Israel. Polycopié. Archives informatisées des Pères de Notre-Dame de Sion.
- Klein, Ch. nds. (n.d.). Da conversão ao diálogo. As irmãs de Sion e os judeus. Um paradigma das relações católico-judaicas? Polycopié. Archives informatisées des Pères de Notre-Dame de Sion.
- Leroux, M. nds. (1948). Les pères de Notre-Dame de Sion. Cahiers Sioniens, 3 bis.
- Martindale, C. C. sj. (1929, janvier/février/mars). Some thoughts on the true Catholic attitude towards the apostolate of Israel, Catholic Guild of Israel.
- Ratisbonne, Th. nds. (1842; 1856; 1880). Lettre à Sophie Stouhlen, le 13 novembre 1842; Lettre à Louise Weywada, le 9 novembre 1856; Lettre à Sœur Barnabé, le 24 mai 1880 (Manuscrits).

<sup>17</sup> Fora outra indicação, os documentos citados se encontram nos arquivos da congregação feminina de Notre-Dame de Sion, em Paris.

Ratisbonne, Th. nds. (1865). Allocution de clôture. Sion, I Chapitre général.

Ratisbonne, Th. nds. (1872). Allocution introductoire. Sion, II Chapitre général.

Ratisbonne, Th. nds. (1876). Retraites. Recueil à l'usage de la congrégation.

Ratisbonne, Th. nds. (1966). Mes souvenirs (Coll. Sources de Sion). Paris: Les presses monastiques.

Sion, Notre-Dame de, Congrégation des Religieux (2006). Informa-Sion.

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1910). Annales de la Mission de N.-D. de Sion en Terre Sainte, n° 125.

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (n.d.). Biographie de Mère Marie Amédée 1882-1973.

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1865; 1872; 1878; 1925; 1937; 1946; 1964). Chapitres généraux de la congrégation, spécialement Chapitre I; Chapitre II; Chapitre III; Chapitre XI; Chapitre XIII; Chapitre XIV; Chapitre XVII. (Manuscrits).

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1925 [1938]). Constitutions de 1925 (1ère édition et édition corrigée).

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1984). Constitutions de 1984.

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1856, le 21 novembre; 1858, le 9 juillet; 1862, le 6 septembre; 1864, le 23 février; 1872, le 26 février; 1953, le 29 juillet, le 4 octobre; 1954, le 7 décembre; 1955, le 8 février; 1961, le 2 juin). Conseil Central (Manuscrits).

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1940, octobre, décembre; 1941, mai; 1943, juillet). Journal de la maison-mère (Manuscrits).

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1875, janvier; 1880, décembre). Lettres sioniennes de Grandbourg (Manuscrits).

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1906, juillet-septembre). Lettres sioniennes de Grandbourg (Manuscrits).

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1932, le 25 janvier; 1936, le 2 juillet; 1936, le 10 juillet; 1945, le 1er mai; 1947, le 19 mars). Lettres circulaires de Mère Amédée aux supérieures locales (Manuscrits).

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1964, le 21 mars). Lettre circulaire de Sr. Laurice aux supérieurs de la congrégation et aux responsables de l'API.

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1951, février, novembre; 1961, juillet, décembre; 1963, juin). Lettres circulaires de Mère Marie Félix.

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1963, le 9 juin). Lettre de Mère Marie Félix aux sœurs brésiliennes.

Sion, Notre-Dame de, Sœurs. (1863; 1874). Règle des religieuses de la congrégation de Notre-Dame de Sion.

Suhard, Emmanuel Mgr. (1946). Allocution introductive. Sion, XIV Chapitre général.

## Livros e artigos

Aron, M. (1936). *Prêtres et religieuses de Sion*. Paris: Grasset.

Cabra, P. G. (2006). *Breve curso sobre a vida consagrada. Tópicos de teologia e espiritualidade*. São Paulo: Loyola.

Colombo, M. A. (2015, setembro/dezembro). A relação da Congregação de Notre Dame de Sion com seu carisma. Do antissemitismo teológico a uma relação de estima e respeito para com os judeus. *Revista Brasileira da História da Educação*, 15(3), (39), 141-166.

Comte, M. (2001). *Sauvetages et baptêmes. Les religieuses de Notre-Dame de Sion face à la persécution des Juifs en France (1940-1944)*. Paris: L'Harmattan.

Concile Vatican I. (1870, le 24 avril). *Constitution dogmatique sur la foi catholique* (3<sup>e</sup> session).

Crevaschi, L. (Ed.). (2003). *Regole monastiche femminili*. Turin: Einaudi.

Duquesne, J. (1986). *Les catholiques français sous l'occupation*. Paris: Fayard.

Durkheim, É. (2003). *Les formes élémentaires de la vie religieuse* (5<sup>e</sup> édition [1<sup>er</sup> éd., 1912]). Paris: PUF.

Fouilloux, É. (2001). Préface. In M. Comte, *Sauvetages et baptêmes. Les religieuses de Notre-Dame de Sion face à la persécution des Juifs en France (1940-1944)* (pp. VII-X). Paris: L'Harmattan.

Gibson, R. (1993). Le catholicisme et les femmes en France au XIX<sup>e</sup> siècle, *Revue d'histoire de l'Église de France*, LXXIX, 63-93.

- Isaac, J. (2005). Lettres de Jules Isaac à Sr. Marie Pierre de Sion à propos d'Israël et nous. *Sens*, 2, annexes, 98-102 (sobretudo cartas II et IV).
- Langlois, C. (2014). Préface. In Ch. Paisant, *De l'exil aux tranchées 1901/1914-1918. Le témoignage des sœurs* (pp. 5-12). Paris: Khartala.
- Lehfeldt, E. A. (2005). *Religious women in Golden Age Spain. The permeable cloister*. Aldershot, Hampshire: Ashgate.
- Lombardi, T. (1975). *I monasteri delle Clarisse. I francescani a Ferrara* (t. IV). Bologna: EDB.
- Luirard, M. (2002). Les dames du Sacré-Cœur de Jésus. In J. Lalouette, & J.-P. Machelon, *Les congrégations hors la loi ? Autour de la loi du 1<sup>er</sup> juillet 1901* (pp. 257-270). Paris: Letouzey & Ané.
- M. Bénédicte nds. (1905). *Le Très Révérend Père Marie-Théodore Ratisbonne (1802-1884)* (2 t.) Paris: Librairie Veuve Ch. Poussielgue.
- M. Carmelle nds. (1977). *Théodore Ratisbonne, Correspondance et documents 1840-1853* (pp. 99-100). Rome.
- Martuccelli, D. (2003). *Grammaires de l'individu*. Paris: Folio Essais.
- Martuccelli, D. (2010). *La société singulariste*. Paris: Armand Colin.
- Mondésert, C. sj. (1956). *Les religieuses de Notre Dame de Sion*. Lyon: Lescuyer et fils.
- Paisant, Ch. (2014). *De l'exil aux tranchées 1901/1914-1918. Le témoignage des sœurs*. Paris: Khartala.
- Pellegrin, N. (2008). La clôture en voyage (fin XVIIe-début XVIII siècle). *Clio*, 28, 77-98.
- Reutlinger, J.-B. (2002). *Notre Dame de Sion et les Juifs (1842-1984): de la conversion à la rencontre*. Mémoire de maîtrise, Faculté d'histoire, Université de Paris I, Paris.
- Rota, O. (2003, octobre-décembre). L'Association de Prières pour Israël (1903-1966). Une association révélatrice des orientations orthodoxes de l'Église face aux Juifs. *Bulletin du Centre de Recherche Français à Jérusalem*, 13, 6-21.
- Rota, O. (2005, février). Une double fidélité. Évolution générale de la congrégation féminine de Notre-Dame de Sion dans sa relation aux Juifs (1946-1969). *Sens*, 5, 69-70-71, 74.
- Strauss, A. (1992). *La trame de la négociation*. Paris: L'Harmattan.

Tocqueville, A. de. (1992). *De la démocratie en Amérique* (t. II). Paris: Gallimard.

Vermès, G. (2006). Sur Paul Démann. *Sens*, 2, 85-92. (N° spécial *Hommage à Paul Démann*).

Xavier de Brito, A. (2014a, janeiro/abril). Superioridade masculina e subordinação feminina no seio da Igreja Católica. As congregações de Notre-Dame de Sion. *Pro-Posições*, 25(1) (73), 75-98.

Xavier de Brito, A. (2014b, julho/dezembro). Os meandros dos processos de conversão. Trajetórias de dois judeus convertidos ao catolicismo no século XIX. *REVER – Revista de Estudos de Religião*, 14(2), 172-212.

Zarri, G. (2007). La clôture des religieuses et les rapports de genre dans les couvents italiens (fin XVIe-début XVIIe siècles). *Clio*, 26, 37-60.

#### Fontes eletrônicas, internet

Macina, M. (2014). *Réévaluation des motifs invoqués par le Saint Office pour abolir Amici Israel (1926-1928)* (39 pp.). Retirado em 9 de março de 2015, de [http://www.academia.edu/8392562/R%C3%A9valuation\\_des\\_motifs\\_invoqu%C3%A9s\\_par\\_le\\_SaintSi%C3%A8ge\\_pour\\_justifier\\_la\\_suppression\\_de\\_lassociation\\_philo-juda%C3%AFque\\_Amici\\_Israel\\_1926-1928](http://www.academia.edu/8392562/R%C3%A9valuation_des_motifs_invoqu%C3%A9s_par_le_SaintSi%C3%A8ge_pour_justifier_la_suppression_de_lassociation_philo-juda%C3%AFque_Amici_Israel_1926-1928).

Vaticano. (1870). 1<sup>er</sup> Concile du Vatican, 3<sup>e</sup> session, le 24 avril 1870. Retirado em 28 de abril de 2015, de <http://mb-soft.com/believe/tts/firstvc.htm>.

Vaticano. (1965a). Paulo VI. *Decreto Perfectae Caritatis*. Vaticano, 28 de outubro de 1965. Retirado em 2 de outubro de 2016, de [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651028\\_perfectae-caritatis\\_sp.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_sp.html).

Vaticano. (1965b). Paulo VI. *Decreto Apostolicam Actuositatem*. Vaticano, 18 de novembro de 1965. Retirado em 28 de setembro de 2016, de [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19651118\\_apostolicamactuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicamactuositatem_po.html).

Vaticano. (1965c). Paulo VI. *Decreto Dignitatis humanae*. Vaticano, 7 de dezembro de 1965. Retirado em 2 de outubro de 2016. [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651207\\_dignitatis-humanae\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html).

Vaticano. (1978). Sagrada Congregação para os religiosos e os institutos seculares. Sagrada Congregação para os bispos. *Declaração Mutuae relationes. Diretivas de base sobre as relações entre os bispos e os religiosos na Igreja*. Vaticano, 14 de maio de 1978. Retirado em 28 de setembro de 2016, de [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccsrlife/documents/rc\\_con\\_ccsrlife\\_doc\\_14051978\\_mutuae-relationes\\_fr.html](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsrlife/documents/rc_con_ccsrlife_doc_14051978_mutuae-relationes_fr.html).

*Submetido à avaliação em 7 de junho de 2016; revisado em 17 de outubro de 2016; aceito para publicação em 9 de janeiro de 2017.*